

APRESENTAÇÃO

*“A dúvida principal pode ser
resumida na pergunta:
o negócio da história é um
bom negócio para a história?”*

José Murilo de Carvalho

Houve ou não participação do Aleijadinho na arquitetura religiosa de São João del-Rei? Qual terá sido o motivo da rasura na antiga ata da Ordem Terceira de São Francisco de Assis? Devemos tributos e desagravo moral à memória e dignidade de Francisco de Lima Cerqueira? Quem é o autor do projeto e quem esculpiu a nossa “epopéia de pedra”? A convivência com a frágil argumentação histórica ou com uma lenda renderá alguma coisa às pessoas e suas consciências históricas? Para o autor essas incertezas renderam muita indignação, perguntas em busca da verdade e a edição deste livro. E se não lhe renderem mais nada, já lhe terão rendido muita coisa!

Eis aqui o resultado do trabalho intelectual de Oyama de Alencar Ramalho. Pode o leitor até discordar dele, não pode, porém, negar sua probidade, seu desejo sincero de esclarecer a verdade histórica. Ele não inventa argumentos, não cria episódios, cita bibliografia categorizada e junta documentos, nos quais se baseia para tirar conclusões. Os leitores, se detiverem a examinar minuciosamente esta obra, vão verificar as razões do Autor; depois, — quem sabe? —, poderão rever suas próprias posições. É preciso ter o espírito aberto e quando o Autor nos força a reexaminar seriamente aquilo que já se estabeleceu como *verdade*, então, a leitura da obra se torna indispensável. Não é possível vencer a dúvida, evitando-a, embarcando em (in)certezas frágeis ou histórias mal contadas, aceitando opiniões mergulhadas em vícios, instintivamente, somente por serem tradições do ensino formal. Que *Malin Génie* é esse que, muitas vezes, faz o homem errar quando se tem a impressão de estar acertando? Já foi dito por Samuel Butler que *Deus não pode modificar o passado, mas os historiadores podem*. Talvez seja esse poder a chave elucidativa de muitas questões até então mal explicadas.

Dúvida exige investigação, e foi isto que o Autor fez: vasculhou livros e velhos manuscritos, sabedor de que os arquivos são os *depósitos* da memória de uma sociedade, são registros da complicada trama das realizações humanas que, pouco a pouco, são armazenados nas prateleiras e, cobertos de poeira, lá permanecem à espera das perguntas dos pesquisadores. Os que freqüentam esses *depósitos* sabem o quanto é

sedutora a descoberta de vestígios, o quanto é apaixonante desvendar o passado e deparar-se com fatos novos. Esses papéis nos revelam gratas surpresas e, em certos casos, decepções históricas. O Autor observou, refletiu, indagou, pensou, pesquisou e escreveu aquilo que julgou não poder ficar adormecido, configurado em erro. Assumiu posição e defendeu sua tese. O Autor é daqueles homens raros, que surgem na curva da história e são capazes de ter, discutir, defender e disseminar idéias próprias, calcadas em fatos e não em invencionices gratuitas. Assim concluiu o relato de suas pacientes pesquisas sob o título de “*Francisco de Lima Cerqueira e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ainda...*”

E por que será esse “*ainda...*”? Certamente são muitas as razões: 1ª) pode ser porque a estória está contada, mas a história ainda não. 2ª) pode ser porque ainda não conhecemos bem as conveniências e interesses de Germain Bazin, *um velhaco francês*, que necessitando saldar compromissos fiscais com o Imposto de Renda, *aceitou subscrever uma obra de falsificação histórica. Um mágico*, nas palavras de Salomão de Vasconcellos. 3ª) pode ser porque ainda não nos demos conta de que Bazin *ficou dois dias em Ouro Preto, poucas horas em Congonhas do Campo*, e, em São João del-Rei, *não houve tempo nem de tomar um cafezinho*, mas mesmo assim foi ungido como o mais sábio (ou sabido?) conhecedor da Arte Sacra das Minas Gerais. 4ª) pode ser ainda porque desconhecemos os episódios clássicos de esperteza em benefício próprio ou em defesa do que Augusto de Lima Júnior chamava *teses de família*. 5ª) pode ser porque ainda não conhecemos as afirmações de Bottineau acerca do que é atribuído ao Aleijadinho. 6ª) pode ser porque ainda não conhecemos muito sobre os homônimos de Antônio Francisco Lisboa, sobretudo o que assinou recibo sobre a estatuaría de Congonhas, em 1822. 7ª) pode ser ainda porque não lemos com *precauções* o que José Mariano Filho escreveu sobre o Aleijadinho. 8ª) pode ser ainda porque não percebemos o que significa a rasura de uma ata. 9ª) pode ser ainda porque essas coisas não constam nas cartilhas *rezadas* nas escolas, onde nem sempre há a necessária liberdade para pensar diferente da *versão oficial*. 10ª) pode ser ainda porque não queremos mais ser enganados, vivendo sob os auspícios de uma lenda, por mais benéfica ou interessante que seja. 11ª) pode ser ainda porque duvidar dessas verdades, as quais até aqui nos foram impostas, é a prova da percepção de que, como humanos que somos, estamos sujeitos a equivocarnos, mas é preciso, no entanto, o esforço de bem conduzir a razão para rever nossas posições.

O senso pesquisador de um ex-oficial de náutica da Marinha Mercante, psicólogo, professor e suas muitas horas passadas em cima de antigos manuscritos e impressos, deram fruto. O Autor, como ele mesmo já disse, é *inventor e contador de histórias* (vide: “*Um dia, com calma, eu te conto...*; *Histórias e memórias do João do Açúcar*” e “*Ô Fumo!; Outras Histórias do João do Açúcar*). Ouso, porém, contrariar sua *advertência*: aqui ele não se apresenta como ficcionista contador de casos, mas sim

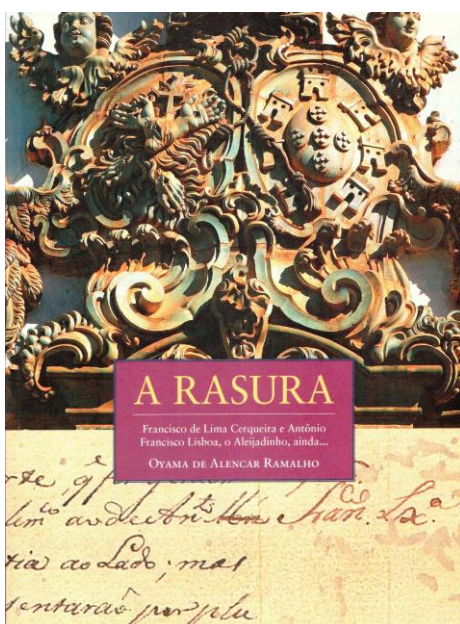
como historiador cuidadoso, que argumenta e fundamenta sua tese, trazendo à tona os documentos que geraram todas as suas assertivas e dúvidas. Suas palavras indignadas contradizem o que se estabeleceu como história dos fatos narrados, e nada têm de agressividade. A sua crença começa por uma hipótese, cuja veracidade ele procura verificar e, procurando-a, depara com elementos que colocam em dúvida as afirmações anteriores.

Este é um livro bem-intencionado, justo, livre para bem dizer a verdade e, mesmo que alguém não concorde, entendo-o como veículo em busca de esclarecimentos e não desmerecedor da memória de quem quer que seja. É obra de significado histórico, conciso, claro, destinado à reflexão e à discussão. O tema é polêmico, repleto de incógnitas, equívocos e hipóteses que se desdobram, suscitando ao leitor a sua co-participação no esclarecimento das dúvidas.

Já era tempo de se rever a questão do Aleijadinho em São João del-Rei, como alertou-nos Paulo Krüger Corrêa Mourão: *um erro deplorável, em desacordo com a imparcialidade e justiça com que devem ser orientados os estudos históricos.*

E para terminar, tomando emprestadas as palavras do historiador são-joanense Luís de Melo Alvarenga, também, *já é tempo de se reconhecer o vulto gigantesco deste artista — Francisco de Lima Cerqueira — e ao mesmo tempo fazer justiça ao seu nome, proclamando ser ele um dos maiores luminares da constelação artística de Minas Gerais e do Brasil.*

José Antônio de Ávila Sacramento¹
Setembro/2000



¹ Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.